PROCESSOS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA: O CASO ISABELLA NARDONI

[1] GUIRADO, Maria Cecília (Ciça)
[2] PETTENUCI, Tiago

[1] Jornalista, doutora em Estudos Portugueses/História da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professora de graduação e pós-graduação da Universidade de Marília – Unimar, coordena o Núcleo de História da Mídia no Brasil, ligado à Rede Alfredo de Carvalho.
[2] Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Marília e pós-graduado em Línguas e Práticas Pedagógicas em Comunicação e Linguagem pelo Centro Acadêmico Toledo (Araçatuba).

RESUMO
Entender o processo de produção jornalística por meio da cobertura do caso Isabella Nardoni, não é uma tarefa fácil. Muito se questionou o motivo deste fato ter-se destacado nos jornais, revistas, sites e telejornais. O acontecimento foi divulgado nacionalmente num formato "novela", cujas "cenas dos últimos capítulos" ainda são aguardadas pelo público. Este artigo descreve a primeira semana de cobertura do Caso Isabella feita pelo *estadao.com.br*, a fim de comentar os elementos do enredo trágico e os recursos utilizados para comover os leitores.
Palavras-chave: Produção jornalística. Espetacularização. Consumo da violência. Narratologia jornalística.

ABSTRACT
Understanding the process of journalistic production through the coverage of Isabella Nardoni case is not an easy task. Many wondered why this fact has been highlighted in newspapers, magazines, websites and news. The event was disclosed nationally in a "soap opera" format, in which "the scenes of the last chapters" are still waiting for the public. This article describes the first week of coverage of the Isabella Case done by *estadao.com .br*, in order to comment the elements of the tragic plot and resources used to impress the readers.
Keywords: Journalistic production. Spectacularization. Violence consumption. Journalistic narratology.

1 CASO ISABELLA NARDONI

O caso Isabella Nardoni entrou para a história do jornalismo brasileiro. No dia 29 de março de 2008, a criança foi jogada do sexto andar de um edifício na capital paulista, onde estava com o pai Alexandre Nardoni e a madrasta Anna Carolina Trota Peixoto Jatobá. A menina caiu sobre o gramado e foi socorrida. Morreu na Santa Casa de Misericórdia. Na delegacia, o depoimento do casal: alguém entrou no prédio e jogou Isabella do sexto andar.

Na noite do crime, o pai conta que ele e a madrasta, acompanhados dos dois filhos e de Isabella, voltavam de uma festa na casa da sogra, em Guarulhos. Quando chegaram ao prédio onde moram, zona norte de São Paulo, ele subiu com Isabella, acendeu o abajur e deixou-a no quarto. Trancou a porta do apartamento e voltou à garagem. Ao retornarem ao apartamento, notou que a tela de proteção da janela estava rompida e a filha caída no jardim.

O casal passou a noite no Distrito Policial prestando depoimentos que não convenceram os policiais. No dia seguinte, o delegado descartou a hipótese de acidente. Para a polícia alguém jogou Isabella do sexto andar, mas os principais suspeitos não eram nem o pai, nem a madrasta.

Durante as investigações descobriu-se que a tela rompida era a da janela do quarto dos irmãos, não a do quarto da vítima. Recolheram a tela e alguns utensílios provavelmente os mesmos utilizados para cortá-la, além de levar amostras de sangue encontradas em alguns lugares do apartamento e as roupas da vítima. No corpo de Isabella os legistas encontram ferimentos provocados antes da queda.

Três dias depois do crime, em 2 de abril, o casal é preso até ser libertado por meio de *habeas corpus*, no dia 11 do mesmo mês. As investigações prosseguiram com base em depoimentos e exames periciais. No dia 6 de maio, o Ministério Público denuncia o casal por homicídio doloso triplamente qualificado e o magistrado decreta a prisão preventiva.

No dia 7 de maio Alexandre e Anna Carolina se entregaram à polícia e continuam presos até o presente momento (julho de 2009). Um ano depois do crime, em abril de 2009, os advogados do casal solicitaram a anulação do processo por falta de provas. Além disso, o pai e a madrasta nunca confessaram a autoria do crime. O pedido foi negado e o casal irá a júri popular, ainda sem data prevista.

2 A COBERTURA DIGITAL DE *O ESTADO DE S. PAULO*

Quais os mecanismos que levam a cobertura de um fato à categoria de um evento importante da história do jornalismo brasileiro? Que estruturas narrativas o jornalismo desenvolve para atrair seu leitor e transformar a notícia em espetáculo? Para responder a estas perguntas utiliza-se a cobertura do jornal online do *Estado de S. Paulo*.

Ao digitar o nome Isabella Nardoni na ferramenta de busca do *estadao.com.br,* no dia 29 de maio de 2009, somavam-se 812 registros do caso. São 784 notícias, 26 fotos e dois especiais que resumem a tragédia. Um ano depois do crime, o público pode reler as matérias e descobrir como vive atualmente o casal Nardoni.

A primeira matéria no *estadao.com.br* foi publicada um dia depois do acontecimento, em 30 de março de 2008, às 12h30 min:

> **Criança morre após cair de prédio; polícia suspeita de homicídio**
> Para delegado, há fortes indícios de que menina tenha sido arremessada; enterro será na manhã de segunda
> Uma menina de 5 anos morreu após cair do 6º andar de um prédio localizado na Vila Mazzei, zona norte de São Paulo, na noite deste sábado, 29. De acordo com informações preliminares do Corpo de Bombeiros, que enviou três equipes ao local, o acidente aconteceu por volta da meia-noite e a criança foi encaminhada à Santa Casa de Misericórdia, mas não resistiu aos ferimentos e chegou morta ao hospital.
> As causas do acidente ainda são desconhecidas. A policia vai aguardar os laudos dos exames necroscópico, de lesões corporais e toxicológicos, que ficarão prontos
> em cerca de 30 dias, para esclarecer as circunstâncias que causaram a morte da menor Isabella de Oliveira Nardoni. O delegado titular do 9º Distrito Policial,

> no Carandiru, Calixto Calil Filho, trabalha com a hipótese de homicídio, apontando que há fortes indícios de que a criança tenha sido arremessada por alguém.
> Filha de consultor jurídico Alexandre Alves Nardoni, 29 anos, e da bancária Ana Carolina Cunha de Oliveira, que estão separados, Isabella visitava a cada 15 dias o pai e a madrasta Anna Carolina Trotta Peixoto, 24 anos. Segundo o depoimento de Alexandre, no sábado ele levou a menina até o apartamento e deixou-a acomodada na cama, descendo em seguida para buscar sua atual mulher que aguardava no carro com outras duas crianças, de 11 meses e três anos.
> O pai contou que ao retornar ao apartamento ouviu um barulho, olhou pela janela e viu a criança estendida no solo. Segundo Alexandre, o apartamento havia sido invadido por um ladrão. "Esta versão não me convence, devido a ausência de sinais de arrombamento no apartamento", afirmou o delegado Calil Filho.
> Além disso, ele chamou a atenção para o fato de a tela da janela do quarto ter sido cortada e de ninguém ter dado queixa de desaparecimento de pertences. No entanto, Calil afirmou, em entrevista coletiva, que Alexandre e Anna Carolina não são suspeitos. "Eles são averiguados", afirmou. Entre outros depoimentos que pretende reunir no inquérito, o delegado informou que deverá ouvir um engenheiro com quem Alexandre teria brigado há dias.
> O porteiro do edifício também afirmou não ter notado nenhum movimento ou sinal que indicasse arrombamento; ouviu apenas o barulho do corpo da menina caindo no solo.
> Alexandre Nardoni e Anna Carolina Peixoto deverão ser liberados ainda neste domingo. O corpo de Isabella Oliveira já foi liberado pelo Instituto Médico Legal (IML) e será sepultado na manhã desta segunda-feira, no Cemitério Parque dos Pinheiros. O avô materno da menina, Jorge Arcanjo Oliveira, disse no IML que a relação de Isabella com a madrasta "era ótima". A mãe, Ana Carolina Cunha de Oliveira, não teve condições de ir ao IML porque estava em estado de choque. (MARCHEZI, Fabiana; SILVIA, Maria Regina. Criança morre após cair de prédio; polícia suspeita de homicídio. estadao.com.br, 30 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/geral/not_ger148318,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

Em princípio parece mais uma notícia do setor policial. O caso é citado como um acidente cuja circunstância será investigada. O título do texto nem menciona o nome Isabella. A matéria contém informações sobre a morte, com a versão do pai. No entanto, o texto traz um personagem que será fundamental no desenrolar da trama: o delegado titular do 9º Distrito Policial, no Carandiru, Calixto Calil Filho, que sugere a hipótese de homicídio.

Apesar de sua suspeita, o delegado não acusou o pai e a madrasta. No mesmo dia, o *estadao.com* traz a seguinte notícia:

> **Polícia suspeita de homicídio em queda de menor em SP**
> A policia vai aguardar os laudos dos exames periciais, que ficarão prontos em cerca de 30 dias, para esclarecer as circunstâncias que causaram a morte da menor Isabella de Oliveira Nardoni, de 5 anos, ontem à noite na zona norte de São Paulo. Ela morreu ao cair do sexto andar de um edifício localizado na Vila Isolina Mazzei. O delegado titular do 9º Distrito Policial Carandiru, Calixto Calil Filho, afirmou trabalhar com a hipótese de homicídio, apontando que há fortes indícios de que a criança tenha sido arremessada por alguém. (SILVIA, Maria Regina; MARCHEZI, Fabiana. Polícia suspeita de homicídio em queda de menor em SP. estadao.com.br, 30 de mar. 2008. Disponível em: <

> http://www.estadao.com.br/geral/not_ger148400,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

O nome de Isabella ainda não é mencionado no título. Neste momento da cobertura jornalística do *estadao.com.br*, a garota era mais uma vítima da violência da sociedade, ou seja, um número que seria contabilizado nas estatísticas da Secretaria Estadual de Segurança. A matéria repete informações do texto anterior, mas a ênfase está na suspeita de homicídio e não no acidente. O delegado trabalha com a hipótese de que a menina foi arremessada. Alexandre e Anna Carolina ainda postulam o título de vítimas da tragédia. A notícia traz o depoimento do delegado que não está convencido da versão do pai.

> Esta versão não me convence, devido à ausência de sinais de arrombamento no apartamento", afirmou o delegado Calil Filho. Além disso, ele chamou a atenção para o fato de a tela da janela do quarto ter sido cortada e de ninguém ter dado queixa de desaparecimento de pertences. No entanto, o delegado afirmou que Alexandre e Anna Carolina não são suspeitos. "Eles são averiguados, frisou. (SILVIA, Maria Regina; MARCHEZI, Fabiana. Polícia suspeita de homicídio em queda de menor em SP. estadao.com.br, 30 de mar. 2008. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/geral/not_ger148400,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

A reviravolta do caso acontece no dia 31 de março. O título da matéria do *estadao.com.br* reforça a hipótese do delegado.

> **Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio**
> Segundo delegado, a polícia trabalha com a hipótese de homicídio; pai e madrasta ainda não são suspeitos
> Apesar de ainda não tratar o pai biológico e a madrasta como suspeito da morte de Isabella de Oliveira Nardoni, de 5 anos, o delegado titular do 9º Distrito Policial (Carandiru), Calixto Calil Filho, não descarta seu envolvimento no caso. Segundo a polícia, a menina morreu depois de ser arremessada do 6º andar do edifício em que o casal mora, na zona norte de São Paulo. O corpo da menina será enterrado nesta segunda-feira, 31, no Cemitério Parque dos Pinheiros, em Guarulhos, na Grande São Paulo.
> A polícia pretende fazer uma reconstituição do crime. A reconstituição ainda não tem data definida. "Temos certeza de que se trata de homicídio e trabalhamos com duas hipóteses: alguém invadiu o apartamento ou o casal tem culpa." Alexandre e Anna Carolina foram à delegacia à 1 hora da manhã e até as 20 horas de ontem ainda prestavam depoimento. O delegado diz que a versão do casal não convence. "Não me convenci por causa da ausência de arrombamento, por nenhum objeto ter sido furtado e, principalmente, pela tela cortada."
> No quarto do apartamento, peritos da Polícia Civil encontraram gotas de sangue e constataram o corte na tela de proteção da janela. Também havia marcas de sangue em outros cômodos, como se tivessem sido espalhadas por pegadas. Vários exames foram solicitados pelo delegado: toxicológico, para o casal, necroscópico e de lesão corporal, no corpo da Isabella. "Trabalhamos com a possibilidade de a menina já estar bem machucada quando foi arremessada pela janela. (ODA, Felipe. Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio**. estadao.com.br**, 31 de mar. 2008. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid148638,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009)

O jornal online *Estado de S. Paulo* mantém, inicialmente, a cobertura do caso de forma responsável, evitando adjetivos que condenem qualquer personagem envolvido na história. Mesmo enfatizando a tese do delegado, o veículo de comunicação cumpre o seu papel ao apurar e oferecer o desdobramento do fato. O terceiro parágrafo traz novas evidências – gotas de sangue, corte na tela de proteção da janela e marcas de sangue espalhadas por pegadas. Essas informações transformam a cena do crime e reforçam a hipótese de homicídio. No entanto, o delegado não aponta o pai e a madrasta como suspeitos.

Neste mesmo texto, o site traz versão do pai de Isabella, que suspeita de um construtor ou engenheiro com quem ele teria discutido. No entanto, outra declaração que chama a atenção faz referência ao bom relacionamento da madrasta com a menina.

> Isabella morava com a mãe, a bancária Ana Carolina Cunha de Oliveira, de 23 anos, e o avô materno. Visitava o pai a cada 15 dias e gostava de ir à piscina com os dois irmãos. Ana Carolina engravidou de Isabella aos 17 anos e era muito apegada à filha. No Orkut, além de colocar várias fotos dela com a menina, definia a filha como maravilhosa e paixão de sua vida. Segundo parentes, a madrasta também tinha bom relacionamento com a enteada e costumava buscá-la para passar o fim de semana com a família. (ODA, Felipe. Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio. estadao.com.br, 31 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid148638,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

A cobertura do *estadao.com.br* traz mais dois textos no dia 31 de março com os seguintes títulos: "Boletim policial diz que menina foi jogada do quarto dos irmãos" e "Pai da menina que caiu de prédio ficou desesperado, diz vizinho". A primeira matéria traz novas evidências que eliminam a possibilidade de acidente e reforça a tese de homicídio. As informações também divergem da versão apresentada pelo pai. O texto é construído com base no boletim de ocorrência da Polícia Militar e mantém versão de Alexandre. O site evita qualquer tipo de hipótese, apenas reporta os fatos com base no depoimento dos personagens.

Já a segunda matéria traz o relato de um vizinho, apesar da reportagem não divulgar o nome do morador, que presenciou o desespero de Alexandre ao ver a filha caída no jardim. O texto resume os fatos já reportados anteriormente pelo site e detalha como foi o enterro da garota, citando a presença do pai e da mãe biológica que ficam lado a lado. Por ser um jornal online, *o Estado de S. Paulo* trabalha as informações de forma fragmentada. Apresentava novas evidências e reforçava tudo o que havia sido apurado até aquele momento.

O assassinato, inexplicável aos olhos do público, se assemelha às tramas de ficção, nas quais o conflito é o ponto de partida do enredo. Quem matou Isabella Nardoni? Qual o mistério do caso? Os profissionais da mídia que cobriam a tragédia já suspeitavam da participação de Anna Carolina e foram inserirando detalhes, talvez de forma inconsciente, aproveitando-se da carga negativa do arquétipo da madrasta, causando comoção coletiva e instigando o mistério sobre a morte da garota.

As histórias inventadas ou vivenciadas pelos grupos criaram heróis, vilões e imortalizaram personagens. Ao reportar acontecimentos da vida real, o jornalismo traz histórias

que serão preservadas e manifestadas ao longo do tempo, dependendo do impacto do fenômeno na esfera pública.

> Na história do jornalismo se delineiam algumas balizas quanto ao fato que pode ou não gerar representações simbólicas denominadas notícia. Enumeram-se entre outras, as seguintes: a informação tem "gancho" se presentificar ao real imediato, se sua significação social e humana atingir a muitos valores locais e/ou universais, se contiver síntese expressivas de mitos existentes plenamente identificáveis pelas massas anônimas do contexto urbanos e industriais. Então, o fato notícia passa á codificação processada pelos mediadores sociais ou institucionalizada na comunicação social. Ao se preparar em um discurso noticioso, o acontecimento real virtualmente liga os protagonistas do fato (fontes de informação) aos fruidores da notícia. (MEDINA, 1996, p.13).

As primeiras notícias do *estadao.com.br* retratam o impacto da morte e o suspense que ronda a tragédia. A versão da polícia ganha cada vez mais espaço à medida que mais evidências que divergem da versão de Alexandre são apresentadas. O acontecimento tem características de tramas policiais. O público começa a se envolver não mais pelo choque da morte, mas pelo mistério. Poderia ser mais um crime que repercutiria apenas um ou dois dias na imprensa. No entanto, o assassino não foi descoberto, novos elementos mudaram a cena do crime e o pai suspeitava de um desafeto.

No dia 1 de abril, a primeira matéria do site sobre o caso Isabella reforça ainda mais a narrativa de suspense. O texto traz a versão dos peritos e a citação de um vizinho que ouviu gritos de uma criança. Neste processo de apuração, o *estadao.com.br* mostra novas constatações da polícia. A investigação não aponta o autor ou os autores do assassinato. Isso ajuda a aguçar a opinião pública. A segunda matéria, do dia 1º de abril, enfatiza a apuração do crime e desmente a versão de desentendimento com um funcionário da construtora do edifício, apresentada por Alexandre. Mesmo sem acusar, a matéria investiga o depoimento do pai de Isabella. O *estadao.com.br* classificava o caso como um mistério. O casal, na prisão, aguarda julgamento e sua rotina no cárcere ainda desperta o interesse da mídia. Como se constrói esse discurso? Segundo Motta

> As narrativas são construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais lingüisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentindo sobre o mundo real ou imaginado. Se a narrativa relata uma história inventada por alguém, um conto, um romance, uma telenovela, uma história em quadrinhos, por exemplo, é uma ficção, uma invenção, é uma construção sobre um universo imaginado, não existente. Se a narrativa relata uma história verdadeira acontecida no mundo real, uma reportagem sobre uma ocorrência em nosso bairro, a biografia de um político, a descrição de um episódio histórico, por exemplo, é igualmente uma construção discursiva sobre as coisas do mundo, uma versão entre tantas outras possíveis sobre os episódios ou as pessoas reais. As narrativas são sempre construções discursivas. (2004,p.14).

3 CONSUMO DA VIOLÊNCIA

A espetacularização da violência está presente no cinema, nas histórias em quadrinhos, nos jornais, nos programas televisivos e nos videogames. Ao analisar o ofício jornalístico, Noblat destaca a predominância de tragédias. "[...] a notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento". (2003, p.31)

A dramatização dos fatos também é um dos recursos utilizados pelo jornalismo para vender informação. As técnicas de produção textual, edição e diagramação são os recursos utilizados pelo jornalismo para comover ainda mais o público. No início da cobertura do caso Isabella Nardoni, o *estadao.com.br* apenas noticiava as linhas de investigação da polícia, os resultados da perícia, hipótese do Ministério Público e a versão dos advogados de defesa. Por influência dos outros meios de comunicação, principalmente a TV, o site passa a valorizar os personagens envolvidos na tragédia. O público não se interessa apenas em conhecer os verdadeiros ou o verdadeiro assassino da criança. É preciso invadir a privacidade da família e de outros personagens presentes na trama. O *estadao.com.br* publica no dia 5 de abril uma matéria sobre o aniversário da mãe de Isabella. A notícia procura descrever o sentimento da bancária Ana Carolina perante a tragédia e não traz novas informações sobre a investigação do caso. O desvendamento do crime deveria ser o principal foco da cobertura. Entretanto, a imprensa optou por somar mais elementos à cena dramática.

Mãe de Isabella completa 24 anos neste sábado

Ela foi a uma capela com a família. Também recebeu homenagens de amigos na porta de sua casa

Em seu primeiro aniversário sem a filha Isabella Oliveira Nardoni, de 5 anos, a bancária Ana Carolina Cunha de Oliveira, que completa 24 anos, foi a uma capela com a família. Ela também recebeu homenagens de amigos na porta de sua casa. Na sexta-feira, Ana Carolina participou da missa de sétimo dia pela morte de sua filha. A missa foi realizada na Paróquia Nossa Senhora da Candelária, na Vila Maria, zona norte de São Paulo. Participaram da missa cerca de mil pessoas.

Isabella foi assassinada na noite do dia 29 de março. Seu pai, o consultor jurídico Alexandre Alves Nardoni, de 29 anos, e a madrasta, Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, de 24, são os principais suspeitos e estão presos desde quinta-feira, 3.

Na porta de sua casa, a mãe de Isabela deu a seguinte entrevista:

Como está sendo este aniversário sem Isabella?

Vou receber os amigos e a família e gostaria muito que este dia fosse maravilhoso. Estou tentando manter a serenidade.

Como é que você consegue ficar tão serena?

Não faço esforço. Sou assim mesmo e continuarei sendo assim, pela minha filha. A vida continua. Devo voltar à trabalhar em breve.

A senhora acha que a sua filha está no céu?

A minha filha deveria estar ao meu lado, que é o lugar dela. Mas com certeza está num lugar melhor que a gente agora. Ela deve ter virado uma estrela.

Como você está recebendo as manifestações de apoio e os vários pedidos por justiça?

Vou receber todas as correntes por justiça com o maior prazer. Não esperava tanta repercussão e tantas manifestações de carinho assim.

> **E o desenho feito pelos colegas de escola de sua filha, que foi entregue na missa (anteontem)?**
> Eu nunca esperava passar por isso na minha vida. Não esperava esse tamanho carinho...
> **A senhora está triste...**
> Isabella sempre foi uma criança feliz, ativa e lutou por tudo que queria. Não gostava de me ver triste. Não vou sofrer. Eu vou só sentir saudade. (REDAÇÃO, Mãe de Isabella completa 24 anos neste sábado estadao.com.br, 5 de abr. 2008. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid151702,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

Cada acontecimento em torno de um indivíduo é superdimensionado, transformado em capítulo e consumido como um filme. Zanqueta Junior analisa o sensacionalismo como algo presente no cotidiano midiático. O autor comenta:

> O sensacionalismo estaria presente já na opção por determinado fato em detrimento de outros. O próprio destaque já o mostraria como algo extraordinário, fora do comum. O tom sensacionalista seria o modulado a partir do modo de abordar o episódio (o ângulo utilizado para a cobertura, o registro de linguagem, a técnica de apresentação etc.) [...] (2004,p.60).

Como foi observado anteriormente, o jornalismo mantém essa dependência de troca com o público. Se as matérias policiais não repercutissem tanto, elas não estampariam com tanta frequência as capas dos jornais. A cultura do consumo da violência está enraizada na sociedade. Se não houvesse consumidores para este tipo de acontecimento, o caso da garota jogada pela janela não seria inserido na agenda midiática.

Para Dizard Jr. (2000, p.276), "as novas tecnologias da comunicação podem ampliar e diversificar o controle da informação, dando mais poder aos usuários individuais e aos grupos". No caso Isabella Nardoni, o *estadao.com.br* abriu um canal para que os internautas expressassem sua opinião. Além da interatividade, esse sistema permite que o veículo de comunicação analise a repercussão do fato.

Na terceira matéria (*Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio*), publicada no dia 31 de março, o site registra o primeiro comentário:

> **Justiça**
> Qua, 02/04/08 04:48 , m_araujom@estadao.com.br
> Espero que o autor dessa monstruosidade seja púnido severamente. Não é possivel que veremos essas barbaridades e ficaremos sempre com essa sensação de impunidade. Já passou da hora de termos prisão pepétua no Brasil. (ODA, Felipe. Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio. **estadao.com.br**, 31 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid148638,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

Na medida em que o caso ganha espaço no site e em outras mídias, a participação dos internautas se torna mais efetiva. Além de acompanhar as notícias, os leitores tiveram a

oportunidade de encaminhar mensagens para Ana Carolina. Até uma comunidade na Internet foi criada para pedir justiça.

O pai e a madrasta passam a ser os vilões da história. O sofrimento da mãe da garota foi explorado durante a cobertura jornalística do *estadao.com.br*. O promotor, o delegado e os peritos surgem como os heróis que buscam desvendar o crime e cumprir a lei. Esse enredo, semelhante aos produzidos pela indústria cinematográfica, amparado no papel das madrastas no imaginário coletivo dos contos de fada foi reeditado pela mídia. Talvez, se a polícia e o Ministério Público se distanciassem dos jornalistas, o crime não teria sido tão divulgado. O fato é que os personagens contribuíram, de forma voluntária ou involuntária, para essa intensiva e extensiva cobertura dos meios de comunicação. Os repórteres tinham o objetivo de conseguir declarações dos personagens a fim de dramatizar o caso e realçar ainda mais a trama.

Arbex Jr. (2001, p.69) recorre ao filósofo e diretor de cinema Guy Debord para explicar o consumo e a espetacularização dos fatos na mídia:

> [...] Guy Debord afirmava que a "sociedade de consumo", apoiando-se nos meios de comunicação de massa, tornara-se a "a sociedade do espetáculo", ou melhor, o espetáculo tornara-se a forma de ser da sociedade de consumo. O espetáculo - diz Debor - consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias - tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia.

O jornalismo tem o poder de transformar um crime num enredo novelístico. E este caso tinha todos os ingredientes para sensibilizar o imaginário do receptor. Medina (1996, p.12) explica:

> O comunicador social relaciona, nas relações simbólicas, o universo das idéias; ao mesmo tempo, trabalha com o imaginário coletivo, emoções, mitos, registros intuitivo-criativos; e, em terceiro lugar, com os comportamentos culturais, ação sociocultural que se codifica em situações muito expressivas do jogo trialético individuo-coletividade (local, regional e nacional)-universalidade. Assim, a linguagem da mediação social se informa de representações simbólicas lógico-analíticas (idéias, conceitos, argumentos), representações intuitivo-simbólicas (emoções, criações artísticas, mitos) e representações moto-operacionais (situações, modos de ação cultural).

Mesmo com todas as evidências e declarações indicando Alexandre e Anna Carolina como culpados, a cobertura dividiu opiniões. O veículo de comunicação emite a mensagem, mas é o receptor que constrói sua visão particular. Durante a cobertura do *estadao.com.br*, parte do público não considerou o casal culpado pela morte da criança. No dia 9 de abril, o site traz o seguinte comentário:

> **Investiguem todos**
> Qua, 09/04/08 13:03 , flavio.santana@estadao.com.br

> Todos devem ser investigados (Não apenas o pai e a madastra) - a mãe biológica e seu namorado, o porteiro, todos os vizinhos e colaboradores do condomínio. Cogitaram a possibilidade de ser um pedreiro....o que este pedreiro estaria fazedndo no prédio às 23hs??? Porque um dia depois da morte a mãe já estava colocando filminhos no orkut? Mesmo com um choque tão violento...porque a mãe aparece sempre sorrindo, bem arrumada , com maquiagem etc.... A mãe estava na casa de uma amiga..bem perto do local....e o namorado dela? (TAVARES, Bruno; GODOY, Marcelo. Investigação sobre morte de Isabela aposta em exame de DNA. **estadao.com.br**, 9 de abr. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid153788,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009).

O receptor da mensagem não é um agente passivo. Ele se relaciona com a representação dos fatos, cria em sua mente o ambiente descrito, formula hipóteses e realça o fenômeno reportado conforme suas referências culturais.

O suspense "sherlockiano" do caso Isabella Nardoni deu-se pelas matérias que realçavam os enigmas da investigação, a forma como a garota foi morta, a versão da terceira pessoa na cena do crime e a hipótese da polícia de que o pai e a madrasta eram os assassinos. Durante dois meses o público esperou pelo desfecho do assassinato. A imprensa cumpriu seu papel em ouvir os vários lados da história, mas utilizou desse procedimento técnico de forma exagerada. As matérias do *estadao.com.br* traziam informações relevantes em apenas um ou dois parágrafos. O restante do texto era constituído de declarações já divulgadas. A intenção era envolver o leitor, ao ponto do mesmo depender de informações sobre o caso até que o crime fosse desvendado.

3.1 História ainda sem fim

Sem dúvida, o crime chocou o Brasil e mobilizou a sociedade. Pessoas conheceram a vida da criança e dos acusados do crime através das representações simbólicas produzidas pelo jornalismo. Centenas de pessoas foram à casa de Carolina Oliveira, mãe da vítima, para prestar homenagens, entregar cartas e faixas com mensagens de apoio e esperança.

Os receptores queriam entender por qual motivo alguém teria coragem de arremessar uma garota do 6ª andar de um edifício. Essa cena é comum em filmes de ação, quando o herói luta contra o vilão no terraço de um prédio. Para a sociedade consumidora da indústria da informação, cair do prédio significa suicídio ou punição para o bandido da história. Vilões merecem este tipo de morte. Mas o quê fez a garota para ser espancada e arremessada do prédio? Depois que o pai e a madrasta tornaram-se os principais suspeitos, o ponto crucial da história seria conhecer os motivos do assassinato. Mas os acusados sempre declararam inocência. Isso dividiu a opinião dos leitores. O mistério sobre a causa da morte se transformou no principal foco jornalístico.

A cobertura diária do crime, o passo a passo da investigação policial e jornalística, foi inserido na agenda social. O desdobramento do caso foi noticiado por outros meios de comunicação. O site *estadao.com.br* não foi o único veículo a acompanhar a vida do casal Nardoni e provocar tamanha repercussão na sociedade.

Ao mesmo tempo em que o acontecimento era narrado como algo real, a mensagem trazia elementos das tradições orais e tramas de ficção. A perícia postulou o envolvimento da

madrasta, que teria agredido Isabella antes de ser arremessada do prédio. O depoimento de vizinhos ajudou a constituir as peculiaridades da personagem. Eles relataram que ouviam gritos e discussões no apartamento do casal Nardoni. Isso reforçou a característica do arquétipo da madrasta malvada, uma pessoa desequilibrada, capaz de planejar e arquitetar planos maléficos.

Nos contos de tradições orais ou de ficção, a madrasta planeja o mal contra a heroína ou o heroi. Ela é capaz de eliminar quem atrapalha seus planos. Porém, em nenhum momento a imprensa questionou a conduta de Ana Carolina Cunha, a mãe de Isabella. Se ela não mantinha bom relacionamento com o casal Nardoni e sabia que a filha havia sido várias vezes maltratada na casa do pai, por que permitia que a criança passasse o final de semana com ele? Este dado não foi explorado por nenhum veículo de comunicação. Seria por que não fortalecia o argumento da culpa da madrasta e do pai da garota; ângulo selecionado para explorar a espetacularização?

Bird e Dardenne (apud.TRAQUINA,1993, p.267) citam que "cada 'estória' individual é escrita tendo como cenário outras 'estórias' sobre o crime, às quais retiram elementos e acrescentam outros". Segundo os autores, "as notícias são um tipo particular de narrativa mitológica como os seus próprios códigos simbólicos que são reconhecidos pelo seu público".

A prisão do casal poderia ter sido o final da história. Mas como não houve confissão por parte dos acusados, a mídia continua acompanhando o caso. Apesar do interesse do público ter diminuído, o *estadao.com.br* produz até hoje (julho de 2009) matérias sobre a vida do casal na prisão.

Sem dúvida, o assassinato de Isabella Nardoni comoveu a sociedade. O sentimento foi intensificado pela suspeita, que foi se transformando em certeza, de que a menina teria sido morta pelo pai e pela madrasta. Durante quase dois meses o público foi bombardeado com informações diárias – em todos os veículos de comunicação - sobre cada etapa da investigação policial, com o suporte da pormenorizada cobertura jornalística.

Instigada pela tragédia, que remete ao arquétipo da madrasta, grande parte da população brasileira foi seduzida pela narrativa jornalística, que relembra os contos de fada presentes no imaginário coletivo. Os textos ouvidos, vistos e lidos deslindavam dia-a-dia fragmentos de um roteiro quase fictício, embora baseado na vida real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, José Jr. *Shownarlismo:* A Notícia Como Espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

COSTA, B. C. G. *Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos*. Campinas: Editora Unimep, 2002.

CRIPPA, A. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.

LAGE, Nilson. *A estrutura da notícia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DIZARD, Jr. Wilson. *A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MEDINA, Cremilda A. *Povo e personagem*. Canoas: Editora Ulbra,1996.

MOTTA, Luiz Gonzaga, *Narratologia*: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas,

2004.

_____ *Jornalismo e configuração narrativa da história do presente.* Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, 2004.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal Diário*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega 1993.

ZANCHETA, Junior, Juvenal. *Imprensa escrita e telejornal.* São Paulo: Unesp, 2004.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

MARCHEZI, Fabiana; SILVIA, Maria Regina. Criança morre após cair de prédio; polícia suspeita de homicídio. estadao.com.br, 30 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/geral/not_ger148318,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009

ODA, Felipe. Polícia não crê em versão de pai de garota que caiu de prédio. estadao.com.br, 31 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid148638,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009

REDAÇÃO, Mãe de Isabella completa 24 anos neste sábado estadao.com.br, 5 de abr. 2008. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid151702,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009.

SILVIA, Maria Regina; MARCHEZI, Fabiana. Polícia suspeita de homicídio em queda de menor em SP. estadao.com.br, 30 de mar. 2008. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/geral/not_ger148400,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009

TAVARES, Bruno; GODOY, Marcelo. Investigação sobre morte de Isabela aposta em exame de DNA. estadao.com.br, 9 de abr. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid153788,0.htm>. Acesso em: 4 mar. 2009

Data de envio: 29.09.2009
Data de aceite: 30.11.2009

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.